

Canteiro freudiano

Freudian stonemason

Gilberto Santos da Rocha

Resumo: O autor tem como objetivo realizar um estudo sobre a edificação da psicanálise demonstrando que Sigmund Freud, diferentemente do que alguns autores costumam afirmar, não optou unicamente pelo modelo biológico, fundamentando sua construção em fontes e interesses múltiplos.

Palavras-chave: psicanálise; biologia; história.

Abstract: *The author aims to carry out a study about the edification of psychoanalysis showing that Sigmund Freud, unlike some authors often state, did not choose only the biologic model, thus fundamenting his construction in multiple sources and interests.*

Keywords: *psychoanalysis; biology; history.*

“Estou apenas repetindo o que disse então ao discordar de sua opinião (de Fliess), quando declino de sexualizar a repressão dessa maneira – isto é, explicá-la em fundamentos biológicos, em vez de puramente psicológicos”. (FREUD, 1996, v. XXIII, p.269)

Com o triunfo da visão biológica na modernidade, alguns autores, incluindo autores psicanalistas, afirmam que, desde seu começo, a psicanálise escamoteia o dito “pé na cozinha” que teria na biologia, nas biografias oficiais escritas pelo próprio Sigmund Freud ou por seu discípulo Ernest Jones.

Ao contrário do que esses autores relatam em livros e artigos, podemos encontrar também nos primórdios da criação do saber psicanalítico uma preocupação em relação à influência dos fundamentos psicológicos no psiquismo. Por isso, faz-se necessário, realizar um recorte de alguns discursos a respeito da relação de Freud com a biologia e a psicanálise, tendo por finalidade alcançar um melhor entendimento sobre qual foi o modelo utilizado pelo pensador austríaco para a psicanálise, se é que existiu um único.

O psicanalista francês Jean Laplanche, em *Novos fundamentos para a psicanálise*, com respeito ao tratamento psicanalítico, comenta que Freud acreditava que o futuro da psicopatologia estaria mais ligado ao desenvolvimento da psicofarmacologia do que ao da psicanálise: “A esperança de um tratamento biológico, quimioterápico, das neuroses nunca irá abandonar Freud, como algo que deveria algum dia, por vias mais curtas, suplantando o tratamento psicoterápico” (LAPLANCHE, 1992, p.20).

Laplanche (1992, p.19) defende o ponto de vista de que o papel desempenhado pela biologia na obra de Sigmund Freud, ou seja, aquele de presidir a relação entre o psiquismo e a vida, foi relevante. Segundo ele, a biologia aparece no freudismo de três maneiras diferentes: como origem, como modelo e como esperança de que, um dia, o tratamento biológico pudesse superar o tratamento pela palavra. Para o autor de *Novos fundamentos da psicanálise*, Freud, em vários momentos da construção de sua teoria, fez uma espécie de colagem, apropriando-se de conceitos de domínios conexos, tais como os da biologia, do mecanicismo e da pré-história da espécie humana. Para Laplanche, a revitalização da psicanálise no plano prático e teórico só acontece mais tarde, quando muda de origem, modelo e futuro através dos ensinamentos do psicanalista francês Jacques Lacan, que abre a possibilidade de encontrar na estrutura da lingüística uma outra via para o saber psicanalítico.

No livro de Frank J. Sulloway, *Freud - biologist de l'esprit*, de 1992, encontra-se a intenção de responder a questão do estatuto científico da psicanálise, cujas concepções, segundo ele, encontram-se baseadas em campos vizinhos como a fisiologia, o evolucionismo, a embriologia, a antropologia e a psicologia. Para Sulloway, o fato de a psicanálise basear-se em campos conexos obrigou Sigmund Freud a constantemente revisitar suas teorias, quando conceitos-chave sobre os quais construíra suas primeiras hipóteses haviam se tornado fora de propósito.

A síntese singular realizada por Freud entre a psicologia e a biologia e a prática clínica psicanalítica constituíram-se objeto de pesquisa e crítica de Sulloway. Para esse autor, a transferência é motivo de desconfiança e uma espécie de placebo mental. O fato de Freud ter afirmado que considerava a transferência como pilares empíricos da psicanálise levaram-no a pensar:

“[...] eu tenho consciência do fato que a prática de Freud revelou um número de lacunas sérias relativas a sua abordagem geral da pesquisa científica. Como sublinhou Grünbaum, o analisando é continuamente influenciado pelo conhecimento que possui das teorias às quais se refere seu analista. Por esse motivo, o êxito terapêutico não pode jamais ser considerado como uma prova de validade do famoso fenômeno da transferência ainda que sobre as sérias lacunas da teoria de Freud concernente a este tipo de efeito placebo” (SULLOWAY, 1998, p.XXXIII).

Freud - biologiste de l'esprit é uma biografia intelectual focalizada na relação de Freud com a biologia e no resgate das influências recebidas de Darwin, Fechner, Fliess e neurocientistas do final do século XIX. O livro se organiza em torno de dois eixos principais: o primeiro é o do mito clássico do herói solitário encarnado pelo pai da psicanálise na história do movimento psicanalítico. Sulloway faz uma crítica à história “oficial”, que descreveu um Freud heróico e isolado das correntes intelectuais de seu tempo, que tirava suas descobertas das profundezas de seu próprio ser, juntamente com a literatura e a filosofia, com um itinerário intelectual em que havia conseguido se desligar completamente de todas as influências biológicas recebidas em seus mais de vinte anos de pesquisas neuroanatômicas. Aponta e critica as biografias “oficiais”, como aquela publicada por Ernest Jones, como tradicionais e responsáveis por ocultar o itinerário intelectual completo do prestigiado psicanalista.

No segundo eixo, o foco principal é o pensamento biológico e evolucionista de Sigmund Freud, que, na opinião de Sulloway, não é em

geral reconhecido, mas foi o que determinou a fixação das raízes da psicanálise no solo das ciências da natureza:

“Durante trinta anos, a influência intelectual de Darwin e de sua teoria da evolução preparou o terreno para um novo modelo, mais elaborado, do comportamento humano, sendo os anos 1890, decênio onde Freud realiza suas mais novas descobertas, tempos de forte influência na medicina psicológica. Porém, poucos teóricos passaram de uma teoria fisiológica a uma teoria evolucionista do psiquismo com tanto ardor como Sigmund Freud que avançou em sínteses como a lei da biogenética, o inconsciente como arcaísmo filogenético do homem, a primariedade da experiência precoce e o poder das fixações, da regressão e da herança do passado, a teoria dos estados psicosexuais, a divisão entre sistemas psíquicos primários (pulsões) e secundários (inibidores) e, sobretudo, as soluções evolucionistas às três grandes questões colocadas à psicanálise (o recalçamento patológico, a escolha da neurose e por que a sexualidade?). Considerado em sua perspectiva histórica correta, a teoria freudiana do psiquismo é a encarnação de uma época científica impregnada de um darwinismo em expansão [...]” (SULLOWAY, 1998, p.477).

Segundo Elisabeth Roudinesco, na apresentação da edição francesa do livro de Henri Ellenberger intitulado *Histoire de la découverte de l'inconscient*, a observação feita por Frank Sulloway de que a psicanálise freudiana seria a expressão de uma biologia disfarçada em psicologia não está correta. Para ela, Freud foi o único que conseguiu “efetuar uma síntese fecunda de todas as correntes traduzindo a evidência biológica em uma nova linguagem conceitual” (ROUDINESCO, 1989, p.24-25) dispensando disfarces da biologia. Além disso, a psicanalista argumenta que o descobridor da psicanálise não seria nenhum herói solitário, visto que vários especialistas no final do século XIX já haviam percebido a importância representada pelos fatores sexuais na etiologia das neuroses, como podemos ler no livro de Ellenberger, publicado nove anos antes da primeira publicação do livro de Sulloway.

Apesar de possuir uma outra compreensão, Sulloway, num certo sentido, se aproxima do ponto de vista de Jean Laplanche, em seu livro *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*, publicado em 1987 na França. Ambos, mesmo um sendo psicanalista francês e o outro um pesquisador norte-americano de história da ciência, concordam que muitas concepções psicanalíticas são de inspiração biológica e que existia uma ambivalência para além do latente em Sigmund Freud: “Entretanto, não se pode negar que um conflito sério tenha existido no espírito de Freud

quanto às relações exatas que deviam manter o psicológico e o biológico na análise científica” (SULLOWAY, 1998, p.476).

Os dois autores defendem a idéia de que o papel desempenhado pela biologia no freudismo foi mais relevante do que supunha a “história oficial” (contada pelo próprio Freud ou por seu discípulo Ernest Jones em 1950). Além disso, ambos comentam o desencanto e mesmo o pessimismo de Sigmund Freud em seus últimos anos a respeito do porvir da psicanálise sendo inclusive pessimista em relação à eficácia terapêutica da psicanálise. Para eles, uma expressão desse desencanto, pode ser encontrada em *A análise terminável e interminável*, publicado em junho de 1937.

Em “Nota do editor inglês” (FREUD, 1996, p.225/229) referente à publicação acima, vamos encontrar uma opinião diferente daquela emitida por Sulloway e Laplanche. Nela, James Strachey explica que um tom pessimista perpassa a leitura desse artigo porque Freud quis abordar três assuntos que foram fonte de suas preocupações no final da década de trinta do século passado: a eficácia da técnica psicanalítica, seu poder profilático e a redução da longa duração do tratamento psicanalítico. Para Strachey, o psicanalista austríaco, em seu penúltimo artigo sobre técnica psicanalítica, quis examinar o seu próprio ceticismo. Esse é o motivo pelo qual, segundo ele, Freud deu mais ênfase, e não mais importância, às dificuldades e obstáculos localizados na influência dos fatores fisiológicos e biológicos do sofrimento mental. A força constitucional dos instintos e a fraqueza do ego (devido ao não favorecimento da puberdade, da menopausa e da doença física à influência psicológica) são fatores ligados à biologia considerados como “difíceis de tratar”, de serem contornados pela influência psicológica da terapêutica psicanalítica.

O psicanalista francês Michel Plon, apesar de ter aceitado fazer a apresentação do livro de Sulloway na sua edição francesa, critica-o. Nessa publicação, ele não concorda com a posição do historiador da ciência naquele livro e considera que o pesquisador defensor das teses de evolucionismo social tenta reduzir a psicanálise a uma psicobiologia “refinada”, aliada a um modelo de cientificidade.

No que diz respeito à teoria psicanalítica de Jacques Lacan, Plon defende o mesmo ponto de vista esboçado por Jean Laplanche e Élisabeth Roudinesco, que consideram a teoria lacaniana uma maneira de barrar o biologismo na psicanálise. Dessa maneira, começa-se a perder a justificativa e o sentido da suserania médico-psiquiátrica sobre a psicanálise. Desde Jacques Lacan, é unanimidade entre os historiadores, que a psicanáli-

se “de retorno a Freud” deixou de ser coisa médica, tanto na teoria quanto na prática clínica.

André Bourguignon, em seu prólogo à obra de Sulloway, lembra que Freud, durante duas décadas, foi um pesquisador de formação biológica e que toda forma de escamoteamento de sua obra, seja ela qual for, aparenta ser uma amputação de seu pensamento, daí a importância do trabalho biográfico / intelectual realizado por Frank Sulloway. Apesar disso,

“A teoria freudiana é um vaso onde foram fundidos as idéias e os fatos provenientes de todos os horizontes do saber – da biologia à história –, as idéias próprias de Freud e os fatos descobertos por ele, as idéias e os fatos emprestados a seus predecessores e a seus contemporâneos, sem que se possa sempre bem distinguir no coração deste amálgama a contribuição de uns e de outros” (SULLOWAY, 1998, p.XXX).

Desde suas origens, o tema da degeneração está intimamente ligado aos ideais de afirmação do universo biológico (ROCHA, 2005, p.36). Sander Gilman, em seu livro “*Difference and pathology*” (1985, p.206-207), pesquisou esse tema na obra de Freud. Assinala que, enquanto Janet enquadrava a histeria como uma degeneração, Freud já deixava a histeria fora desse enquadramento. Para Guilman, o pensador austríaco, em seus escritos, preferia a palavra *dégénération* ao equivalente em alemão (*Entartung*) para acentuar a origem francesa do conceito, e lembra que, em 1894, em “Obsessões e fobias”, Freud excluiu as fobias do quadro da degeneração. Em “Hereditariedade e a etiologia das neuroses”, de 1896, o autor vienense não reconhece a neurose obsessiva como uma forma de degeneração mental, apesar de ainda achar válida a categoria de degeneração para algumas psicopatologias. Ao mesmo tempo, passou a não incluir as neuroses no grupo das degenerescências. Segundo Guilman, numa carta a Fliess, ele se recusa a entender a repressão a partir de fundamentos biológicos,

“[...] mudou da idéia de disposição somática, a relação entre fatores somáticos inerentes e algum tipo de estímulo psicológico, para a mais pura explicação psicológica da degeneração. Degeneração, cuja manifestação visível é um conjunto de comportamentos inadaptáveis, que podem ser passados não geneticamente de uma geração para outra” (GILMAN, 1985, p.297).

Com a “Interpretação dos sonhos”, em 1900, seu ponto de vista torna a degeneração uma designação problemática para a sexualidade patológica. Conforme Gilman, para Freud, a perversidade não era necessariamente degenerada, mas uma doença da civilização. Em 1917, condena a

degeneração como pertencendo ao discurso da psiquiatria que usava o conceito de degeneração para difamar o outro, em oposição ao discurso psicanalítico. Em 1920, em “Além do princípio do prazer”, percebe-se um pensador que negava a natureza patológica da sexualidade e sua importância dentro do modelo degenerativo. Para o autor de *Difference and pathology*, Freud foi capaz de tirar a degeneração do seu contexto sexual e colocá-lo no da retórica política, entendendo o degenerado não como uma real categoria biológica, mas como um conceito inerente ao processo histórico.

Michel Foucault também abordou o tema da relação da psicanálise com a degeneração no livro *História da sexualidade I – A vontade de saber*, afirmando que a psicanálise, tal como Sander Gilman, encontrava-se em oposição a uma visão produzida por uma análise biológica que se propunha a explicar os problemas mentais através de uma herança degenerativa. Para o escritor francês, ao invés de aceitar essa explicação, Freud deu ênfase e se esforçou para defender a importância da autoridade paterna, o fortalecimento do casamento e o tabu quanto à proibição do incesto, levando em consideração em suas análises à questão do desejo:

“É uma honra política para a psicanálise – ou pelo menos para o que pode nela haver de mais coerente – ter suspeitado (e isto desde o seu nascimento, ou seja, a partir de sua linha de ruptura com a neuropsiquiatria da degenerescência) do que poderia haver de irremediavelmente proliferante nesses mecanismos de poder que pretendiam controlar e gerir o cotidiano da sexualidade: daí o esforço freudiano (sem dúvida, por reação ao grande crescimento do racismo que lhe foi contemporâneo) dar à sexualidade a lei como princípio – a lei da aliança, da consangüinidade interdita, do Pai-Soberano, em suma, para reunir em torno do desejo toda a antiga ordem do poder” (FOUCAULT, 1976, p.198).

Foucault defende o ponto de vista de que, embora a psicanálise tenha se baseado num modelo médico, o ciclo do sistema perversão-hereditariedade-degenerescência conheceu sua oposição e enfraquecimento de seus paradigmas através da psicanálise freudiana, que soube livrá-la das correlações com a perspectiva da biologia:

“E a posição singular da psicanálise no fim do século XIX não seria bem compreendida se desconhecéssemos a ruptura que operou relativamente ao grande sistema da degenerescência: ela retomou o projeto de uma tecnologia médica própria do instinto sexual, mas procurou liberá-la de suas correlações com a hereditariedade e, portanto, com todos os racismos e os eugenismos. Pode-se muito bem fazer, agora, a revisão de tudo o que podia

existir de vontade normalizadora em Freud; poder-se-ia igualmente denunciar o papel desempenhado há anos pela instituição psicanalítica; contudo, na grande família, as tecnologias do sexo que recuam tanto na história do Ocidente cristão e dentre as que empreenderam, no século XIX, a medicação do sexo, ela foi, até os anos 40, a única que se opôs, rigorosamente, aos efeitos políticos e institucionais do sistema perversão-hereditariedade-degenerescência” (FOUCAULT, 1976, p.112-113).

Para Henri Ellenberger, autor de *Histoire de la découverte de l'inconscient*, o período pré-psicanalítico de Sigmund Freud foi o período onde ele passou de uma anatomia microscópica para a neurologia anátomo-clínica e depois para a clínica neurológica e teórica, constituindo para ele a base para o autor vienense escrever o livro sobre afasia. Mais tarde, claramente influenciado pela visão da compreensão biológica, Freud escreveu “Projeto para uma psicologia científica”, querendo demonstrar que existia uma ligação entre alguns processos psicológicos e a distribuição e circulação de energia através de estruturas cerebrais hipotéticas (ELLENBERGER, 1994, p.505). De acordo com Ellenberger, é a partir desse texto que Freud inicia seu caminho em busca de um modelo psicológico.

Na prática clínica, é através da hipnose e do método catártico de Breuer que Freud vai abrir mão da lógica da visão neurológica, ficando cada vez mais para trás o tempo das tentativas de encontrar explicação para os processos mentais em termos de estruturas cerebrais. O psicanalista vienense considerava que o mais elementar sobre a psicanálise começou a ser exposto com o caso de Ana O., em “Estudos sobre a histeria”. Em “A hereditariedade e a etiologia das neuroses”, esboça uma nova classificação das neuroses, chamando seu método de análise psicológica, de psicanálise.

Além disso, se alguns costumam demonstrar a influência que a biologia exerceu sobre a psicanálise em seu começo, é importante lembrar que Freud, desde 1885, segundo ele mesmo e em seu trabalho “Um estudo autobiográfico” (1925), já pretendia desviar a biologia do centro das explicações do sofrimento mental, conforme segue:

“Antes de partir de Paris, examinei com o grande homem (Charcot) um plano para um estudo comparativo das paralisias históricas e orgânicas. Desejava estabelecer a tese de que na histeria as paralisias e anestésias das várias partes do corpo se acham demarcadas de acordo com a idéia popular dos seus limites e não em conformidade com fatos anatômicos” (FREUD, S. 1925, v. XX, p.21).

Para Ellenberger, mais importante do que conhecer as raízes da psicanálise, seria dar-se conta de que a descoberta desse saber foi um grande acontecimento para a cultura moderna. Isso fica evidente no capítulo sete de seu livro anteriormente citado, onde detalhadamente explica e defende seu ponto de vista a respeito do material utilizado por Freud em seu canteiro de obras para a edificação da psicanálise. Segundo esse historiador da psicanálise, o material pode ter sido garimpado nas obras de Meynert, Brücke e Exner (seus mestres na abordagem positivista neuropsiquiátrica), Moritz Benedikt e Josef Breuer (considerado o co-fundador da psicanálise), na psicologia de Herbart, na psiquiatria romântica, Rochefoucauld, Schopenhauer, Karl Marx, Nietzsche e Ibsen (ajudaram o pensamento freudiano a adotar uma tendência “a abrir o jogo”, de desmistificação), Charcot, Bernheim, Janet, os trágicos gregos, Shakespeare, von Schubert, Goethe, Schiller, Darwin, Brentano, Bachofen, Fechner. Além dessas influências, Ellenberger não esquece de mencionar as colaborações advindas dos discípulos de Freud, dos quais se destacam Stekel, Ferenczi, Abraham, Rank, Silberer, Pfister, Adler e Jung, e de seus pacientes (principalmente Elizabeth von R., que sugeriu o método de associações espontâneas e o “homem dos lobos”, caso que Freud menciona ter muito aprendido), a tradição cabalística, Wilhelm Fliess, Otto Weininger e Winthuis (ELLENBERGER, 1994, p.573-586).

Com todas essas influências, a discussão do estatuto científico da psicanálise já não parece tão óbvia quanto às argumentações de Laplanche e Sulloway podem levar a crer. Pode-se inicialmente surpreender Freud, com reservas, como um biologista do espírito; mas, ao longo do tempo, pode-se testemunhar não só pelas fontes levantadas por Ellenberger como através dos múltiplos interesses, os quais os artigos psicanalíticos “tocavam”, que ele não tinha “o” modelo na manga da camisa, mas várias fontes renováveis de conhecimento que eram encontradas em outros saberes. Saberes inclusive distantes do modelo biológico, tornando assim razoavelmente difícil estabelecer dentro desse mosaico de influências, o quanto a psicanálise deve mais a este ou àquele saber.

Gilberto Santos da Rocha

Psicanalista, Mestre em Filosofia PUC/RJ, Doutor em Saúde Coletiva IMS/UERJ, membro do EBEP (Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos) e autor do livro *Introdução ao nascimento da Psicanálise no Brasil*.
e-mail: gsr@netfly.com.br

Referências

ELLENBERGER, Henri. F. *Histoire de la découverte de l'inconscient*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Histoire de la sexualité I: la volonté du savoir*. Paris: Galimard, 1976.

FREUD, Sigmund. (1920). *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

_____. (1925). *Um estudo autobiográfico*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas, 20).

_____. (1937). *Análise terminável e interminável*. Rio de Janeiro, 1996. (Edição standard brasileira ds obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).

GILMAN, Sander. *Difference and pathology: stereotypes of sexuality, race and madness*. Ithaca: Cornell University Press, 1985.

LAPLANCHE, Jean. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ROCHA, Gilberto S. *Entre fronteiras: um estudo das relações entre a psiquiatria e a psicanálise*, 2005. Tese (doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social/ UERJ, 2005.

ROUDINESCO, Elisabeth. *História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos, 1885-1939*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989. v.1.

SULLOWAY, Frank J. *Freud le biologist de l'esprit*. Paris: Fayard, 1998.

Artigo recebido em 5 de agosto de 2005

Aceito para publicação em 20 de setembro de 2005